



NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Dia dos Mortos

No dia 31 de Outubro celebrou-se mais uma vez o Dia dos mortos. Como sempre, o nosso cemitério cobriu-se de flores. Como sempre o campo santo regorgitou de pessoas, muitas vindo de longe. Os nossos mortos vivem em nós, eles são a nossa saudade, eles fazem parte da nossa família e da nossa vida.

É sempre comovedora esta ida ao cemitério. Os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos conhecidos, em suma uma parte da comunidade fangueira, está ali. Não os deixamos morrer de todo porque os lembramos, os homenageamos, porque com eles convivemos. Por isso que o cemitério é uma memória. Vamos dizer que é uma ressurreição.

Os retratos que ali colocamos, os nomes que os identificam, os dizeres com que suavizamos a sua partida, as preces que murmuramos, as lágrimas que de nós se escapam, são os ingredientes mágicos que trazem os nossos entes queridos até junto de nós, à superfície de um convívio incompleto, é verdade, mas suavizante. Por isso o Dia dos Fieis Defuntos é para nós uma data tristemente desejada, comevedoramente vivida, confortantemente suportada.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

COMANDANTE AUGUSTO JOSÉ TEIXEIRA

O movimento rotário que agrega 1.129.543 membros distribuídos por 172 países, escolheu este ano para seu lema um mote particularmente feliz e que é nem mais nem menos que uma emanção da sua essência ou da sua razão de ser: *Olhe mais além de si mesmo*.

Isto significa que um indivíduo, em qualquer parte que se encontre, ou que viva, não deve ter cuidados apenas para a sua pessoa ou para os seus familiares. Ao nosso lado, perto ou longe do nosso lar, existem outros seres, existem os nossos semelhantes, o nosso próximo que precisam de nós, da nossa ajuda moral ou material, da nossa solidariedade, do nosso conforto. Quem fala de pessoas fala de organismos de assistência, fala de agremiações cívicas, de instituições científicas ou artísticas que acabam por beneficiar ao fim e ao cabo outros seres humanos.



Curioso que, um dia destes alguém nos perguntou: não vai evocar nos seus perfis a figura do Comandante Augusto José Teixeira? Nós olhámos para o nosso interlocutor, mirámos em retrospectiva o «Sr. Comandante» e, de imediato, a sua vida, aquela vida que nós lhe conhecemos, pareceu-nos mais que intercalada naquele lema rotário que atrás evocámos: *Olhe mais além de si*.

É evidente que respondemos positivamente e até ficamos satisfeito com uma pergunta deste tipo porque às vezes vem

libertar-nos de um complexo de subjectivismo (desculpem a expressão) que nos faz reter uma personalidade na morada do nosso pensamento, não o «trazendo para a rua» por suspeita de uma super exaltação fabricada apenas no cadinho da nossa consciência. Assim, a nossa admiração recebe uma consistência que nos transcende e que por isso mesmo se dessubjectiva adquirindo por tal a excelência da objectividade ou seja: o vulto que pretendemos homenagear é admirado por outrem que não só nós.

A vida do cidadão fangueiro Augusto José Teixeira desdobrou-se em dois momentos: um primeiro que foi de luta e de que pouco sabemos. Não andaremos, porém, longe da verdade se aventarmos a hipótese de muito novo ter ido para o Brasil, como fazia a maioria dos jovens do seu tempo, não sabemos se com alguns estudos ou se apenas com a quarta classe. Interrogámo-nos sobre este tema apenas porque um seu irmão, Job de nome, seguiu a carreira eclesiástica e recebeu, portanto, aquela cultura que os seminários diocesanos ministravam. E o Augusto ter-se-ia posto logo a caminho de terras de Santa Cruz? Não nos parece relevante a resposta a esta pergunta. Sabemos sim que se inscreveu na marinha mercante do Brasil e atingiu o posto de *Comandante*.

Esta ascensão ao referido posto revela-nos ou deixa-nos antever, no perfil de hoje, qualidades de chefia, dedicação ao trabalho e inteligência q.b.. Consolidada uma boa posição material, o Comandante Teixeira volta para junto dos seus e, a partir daí, é o seu próximo, são as instituições fangueiras que vão constituir a razão de ser da sua vida. O serviço que mais o prendeu, a actividade a que se votou de alma e coração foi a gestão do Hospital Asilo de S. João de Deus. Tornou-se numa legenda viva de dedicação àquela casa de caridade. É certo que o «Hospital» naquele tempo não possuía a grandeza, a polivalência de que hoje faz garbo. Possuía meia dúzia de asilados e o serviço clínico era notavelmente reduzido. Mas era uma porta aberta onde viviam idosos, onde se tratavam doentes, onde se praticava a caridade. E o Provedor era um «faz tudo»: administrador, homem de recados, escriturário, tesoureiro, mulher da limpeza, às vezes electricista quando o Casanova não podia vir. Tornou-se uma lenda pela sua dedicação extrema, por se encontrar sempre de

(Continua na pág. 2)

COMANDANTE AUGUSTO JOSÉ TEIXEIRA

(Continuado da pág. 1)

manhã à noite naquela casa, zelador extremo de tudo o que a instituição possuía.

Dizem os que trabalharam mais de perto com ele que defendia os interesses do Hospital até ao meio tostão. Às vezes resvalava até ao excesso. Conta-se que um dia alguém quis oferecer um frigorífico ao hospital. Ele pôs-se a fazer as contas à electricidade que aquele utensílio ia gastar e regeitou a oferta. Afiançam-nos que foi verdade. Fazemos uma interrogação e isto porque na altura em que a família de Artur Aires sonheou ao Hospital de Fão um aparelho de raios X ele, de parceria com Artur Sobral, não sabemos em que condições, adquiriu para aquela casa de assistência aquele avançado meio de diagnóstico.

É possível que no extremar de posições em defesa do Hospital tenha feito alguns inimigos, especialmente na defesa daquilo que ele entendia ser património da Misericórdia local. Podia ficar zangado com meio mundo, isso não o incomodava mesmo nada, nem a diplomacia era um dos seus atributos mais fortes, se o hospital estivesse em causa. A sua vida, nesta segunda fase, tinha por ideal servir. A terra ou os indivíduos? Ele amalgamava estes dois vectores: servindo a terra, beneficiava os seus habitantes. Foi por isso que aceceu ao convite que então lhe fizeram de ser vereador na Câmara. Mas os pobres, os desprotegidos estavam também na mira do seu benfazer. E assim presidiu à Conferência de S. Vicente de Paulo por alguns anos. Misturava então, os óbolos recebidos com a sua participação pessoal. Fez parte ainda da Comissão Fabriqueira e igualmente se integrou entre os comissionados do grupo que se constituiu para arranjar o Salão Paroquial. Pertenceu igualmente às Direcções dos Bombeiros e Clube Fãozense.

Nos sorteios que se efectuavam para obras ou instituições locais era o primeiro a abaratar livros ou cadernetas inteiros de bilhetes.

A sua vida foi, pois, uma dedicação e doação permanentes. Protagonizou na sua essencialidade o munus de bem servir e o ideal de olhar para além de si.

NOVO ESTABELECIMENTO

Na rua do Prior Nogueira, os irmãos Paulo e José Silva Peretra abriram um estabelecimento de artigos eléctricos cuja técnica, aliás, eles dominam com certo à vontade. Veja-se a fonte luminosa do Cortinhal, uma das mais espectaculares que existem no país. A falar verdade, no Porto não há nenhuma que rivalize com aquela. Pode haver um maior envolvimento de pedra e portanto com uma volumetria mais imponente. Mas o que lhes sobra em pedra faltava no faseamento dos arabescos de água e de efeitos de luz.

A propósito, a Junta devia registar a patente para poder dizer que não há mais nada para ninguém.

Felicidades.



AGRÍCOLA DE LACTÍCIOS A CENTRAL DE PERAFITA, LDA.

Temos o prazer de comunicar que, no dia 4 de Outubro de 1991, no primeiro Cartório Notarial do Porto, foi consignada em escritura pública a alteração do actual Contrato de Sociedade da Agrícola de Lactícnios a Central de Perafita, Lda., nos seguintes termos:

- Nova denominação social: LONGA VIDA - Indústrias Lácteas, SA.
- Adopção do novo tipo de sociedade: Sociedade Anónima.
- Aumento de capital estatutário, por incorporação de reservas, para 2.250 mil contos.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE

CERTIFICADO

CERTIFICO, narrativamente e para efeitos de publicação que por escritura hoje mesmo lavrada a folhas onze verso e seguintes, do livro de notas deste Cartório número cinquenta e dois-C, de «Escrituras Diversas», JOAQUIM LIMA DOS SANTOS e mulher MARIA ASSUNÇÃO LIMA VIANA, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, ele natural da freguesia de Forjães, deste concelho, e ela natural da freguesia de Anha, do concelho de Viana do Castelo, e residentes no lugar do Cerqueiral, naquela freguesia de Forjães, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores com exclusão de outrém de um prédio urbano que consta de casa torre, coma área coberta de setenta e cinco metros quadrados e logradouro com a área de duzentos e vinte metros quadrados, no lugar do Souto, da indicada freguesia de Forjães, a confrontar do norte com caminho, do sul com Manuel Gonçalves Vila Cova, do nascente com Maria José Barros Pinto e do poente com caminho, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 77, com o valor patrimonial de três mil quatrocentos e oitenta e cinco escudos e no atribuído de DUZENTOS MIL ESCUDOS;

Que, sempre estiveram e se tem mantido na posse e fruição do mesmo prédio há mais de vinte anos, cultivando-o, administrando-o, fruindo as utilidades possíveis, com conhecimento de toda a gente, sem qualquer interrupção ou oposição de quem quer que seja, fazendo de boa fé, pacífica, contínua e publicamente;

Que, dadas as enunciadas características de tal posse há mais de vinte anos, os outorgantes adquiriram o mencionado prédio por usucapião. Título esse que, por sua natureza, não é susceptível de ser comprovado pelos meios normais, por isso prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

É certificado que fiz extrair e vai conforme ao original.

Cartório Notarial do concelho de Esposende aos vinte e cinco de Outubro de mil novecentos e noventa e um.

A 2.ª Ajudante

a) Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa

ACIDENTE MORTAL

Domingo, dia 3 de Novembro, 10 da noite. Quando atravessava a estrada nacional, junto ao cruzamento da rua Dr. Moreira Pinto, foi apanhado mortalmente, o senhor José Henrique Ferreira, último sapateiro artesanal da nossa terra, que, já com idade avançada, não deixava os seus créditos de profissional por mãos alheias.

Aos filhos e familiares, o jornal apresenta sentidos pésames.

FALECIMENTO

No dia 2 deste mês faleceu, no lugar do Ramalhão, Cesaltina Gonçalves Chaves, que estava internada no Lar da Terceira Idade.

Às famílias enlutadas os nossos pésames.

FOFOQUICES DO QUIM DE FÃO

A nossa terra é sui generis, isto é, diferente.

De vez em quando, algo a destaca do marasmo, da apatia, da falta de novidades. Se não houver outras, há, pelo menos, fofoquices do diz-se... diz-se.

— Somos invulgares e não deitamos às malvas as oportunidades que nos beatifiquem, que nos diabolizem, ou que nos coloquem no pedestal do macho latino. Sempre assim foi... ao que parece.

Por cá passou a mulher-fantasma que amou o Mela-Libra; por cá vagabundeou o homem-sem-cabeça que conquistou o sopleirame da época; mais recentemente a «boca» da mulher-de-branco que maltratou e foi maltratada nas colunas deste jornal. Agora, quando mais apetecia uma botija aos pés e o tercinho na ponta... dos dedos, eis que aparece o «Dangerman». E, pelos visto, a lista vai engrossando com a mulher... dos outros.

Fão foi sempre de comédias e de fitas... apesar da aparente acalmia: não faltam galifões. Homem velho... mulher nova... filhos até à cova... já reza o ditado dos nossos mestres.

Um de Novembro. Visita calendarizada ao cemitério. As atenções viram-se para os nossos mortos, ao menos uma vez por ano, nem que seja por hipocrisia social para com os vivos.

Fão, como por todo o lado, não foge a regra. Todo o mundo vai lá embelezar as suas campas e chorar os seus familiares. Um filme mais ou menos longo passa pela nossa memória; histórias, imagens, ditos e comportamentos — sempre bons e honestos — relembram a vida daqueles que ainda permanecem na nossa lembrança — que a memória é curta — aperta-se a garganta, correm lágrimas nos olhos — a vida continua. Neste dia e nesta hora, achamos quão curta é a vida e dizemos com mágoa: «Parece que ainda ontem convivia conosco e já vão uns anos... É a vida.

O cemitério de Fão é um jardim. É arte. É beleza. É bairrismo. É capricho. A Junta de Freguesia — todas — tem ajudado a que o «campo» do sono eterno — assim seja: O espelho da Terra.

Há, no entanto, algo que nos merece um reparo: necessita-se de uma retrete, localizada, talvez, no Caminho de Santo António. Os vivos, que visitam os seus mortos quer ao domingo, quer neste dia, por nervosismo ou medo, precisam de se socorrer da retrete. Não fica caro e nem tudo lembra.

Pequenas notícias parecem desnecessárias pois o jornal regional vive do leitor que convive o dia-a-dia da terra. Enganam-se os que assim pensam. E os nossos emigrantes? Os que lêem a página agrícola e o Quim de Fão? E os que dizem que não lêem os que não gostam do jornal e são os primeiros a ler? Há de tudo.

Por isso é que nós referimos pequenos «nadas» que são «tudo» de uma terra.

Por exemplo: abriu um «pub» que dinamizou as célebres noites fanguieiras. A malta jovem já tem o seu ponto-de-encontro. E, para já, bom. Oxalá se mantenha assim e com mais clientes.

— Que o hotel dos jovens — Pousada da Juventude — já tem a primeira fase concluída. Apesar dos protestos de alguns — compreende-se — a obra é e será um grito de vitória desta autarquia que já causou muita inveja à vila velha; que o Posto Náutico, à entrada da Avenida da Praia, é uma realidade — os alicerces já se vêem... mais... novos loteamentos estão previstos na zona de construção acelerada; que o autor da última entrevista foi o Quim de Fão; que a entrevista foi escrita, não podendo o entrevistador cortar a palavra ao entrevistado, nem precisou, porque concorda com o que lá está escrito e não foi «nenhuma brincadeira»; que houve quem não gostasse e se armasse em advogado de qualquer trampa; que me telefonaram anonimamente a perguntar se conhecia o provérbio «Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço». Claro que conheço este e outros.

Por exemplo «O covarde encontrou-se com meias palavras ou com o anonimato». «Mostra o trazeiro, esconde a cara» e outros.

Mas não me interessa mexer com a vida pessoal de cada um, mesmo que tenha responsabilidades sociais. Então, apenas coloquei questões de âmbito geral. Pelo contrário, houve quem, sem politiceces atribuisse à entrevista alta classificação. Só por «dor» de qualquer maleita podem meter o «bedelho» no jornal alheio. Conhecem a história da raposa e das uvas? Estão verdes...

Cartas ao Director

Grigny, 6 de Outubro de 1991
França

Exmo. Senhor Director Armand Saraiva:

Eu, Domingos de Araújo Ferreira, mais conhecido com a alcunha do «Eusébio de Fão», escrevo ao nosso jornal «O Novo Fangueiro», digo nosso porque eu também sou assinante, afim de publicar e denunciar com grande tristeza, a guerra dos Bancos portugueses aqui em França e na região de Paris. Nestes últimos tempos, o Banco Pinto & Sotto Mayor divorciou-se com o Banco União de Bancos Portugueses, o único Banco que temos na nossa terra de Fão. Os empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor, pertencentes à Agência de Saint Geneviève du Bois, aqui em França, acusam a União de Bancos de certas anomalias profissionais e, por esta razão, recusam fazer envios de dinheiros para o mesmo Banco e para Portugal, é claro. Pergunto eu: a «Guerra Santa» vai começar agora com os bancos portugueses no estrangeiro? Aonde vai chegar este conflito? O dinheiro não é todo igual? As leis da taxa e do Governo não são todas iguais? Onde está a democracia?

Resumindo: Se este problema ou esta guerra dos bancos continuar, o melhor será perguntar: para que servem os bancos?

Domingos Araújo Ferreira

Licenciamento em Direito

Terminou a licenciatura em Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso conterrâneo, Óscar Luís Silva Viana, filho dos senhores Belmonte Gomes Viana e Ismênia Fonseca da Silva.

Ficará a exercer a profissão de advogado na nossa região, vindo a enriquecer a classe com os seus conselhos.

Parabéns ao futuro advogado e aos papás.

PARA REAVIVAR O TURISMO

Se nos permitem a presunção, diremos que o turismo não é das actividades mais difíceis que existem. Torna-se por isso necessária uma formação especificamente turística? Diremos ainda que não. Para que um indivíduo se revele um expert na modalidade, basta que seja uma pessoa activa, que seja razoavelmente inteligente e, por isso mesmo, fértil em iniciativas. Que seja, em suma, um gestor, mais do que um técnico boiteiro. Que saiba no fundo atrair gente.

Como devemos definir turismo? Diremos que é uma actividade que tem por objectivo realizar dinheiro através da deslocação de pessoas de uma terra para outra, seja por motivos de lazer, de negócio, ou por preocupações de natureza científica ou artística. Sem dúvida que este alargamento de motivações daria pano para mangas, e, a insistir nelas, iríamos acabar numa discussão académica, próxima da natureza do sexo dos anjos. Vamos, pois, fixar-nos, por economia de palavras, no turismo que se circunscreve àquele tipo de viagens que tem por finalidade única o lazer e o que melhor se encaixa na zona de Ofir, significando esta designação a área marítima do concelho.

Ofir, foi sem dúvida a alma mater do turismo esposendense, o seu pivot, a referência obrigatória da propaganda do concelho. Para além desse handicap, Ofir, neste caso, a zona marítima de Fão, é ainda a área que maior número de camas possui. O seu nome correu mundo. Não é por acaso que uma Estalagem Zende, nos seus depliants, utilize o nome de Ofir, nem é por simples capricho que os serviços de turismo concelhio subscrevem: Ofir-Esposende. Bem sabemos que há fanguieiros rezingões que não podem com o nome de Ofir, mas nós temos a certeza que se não fora o dinamismo e o rasgo dos criadores de Ofir, Fão a quem muitos diagnosticam paragem no tempo, era hoje uma das freguesias menos evoluídas do concelho de Esposende.

Mas continuemos para constatar que o turismo concelhio encolheu-se, os botéis que se fizeram, fizeram, enquanto hoje, assistimos a um verdadeiro surto turístico por toda a parte de Portugal. Fala-se em milhões de contos em investimentos que não se localizam apenas no Algarve.

Há, na verdade, um factor que se deve ter em conta: é a desastabilidade climática do norte do país. Este fundamental condicionamento limita a prática do turismo, entre nós, aos meses de Junho, Julho, Agosto e a uma parte de Setembro. Mesmo esta calendarização, à priori concebida, nem sempre é respeitada pelos deuses Eolo e Vulcano: é que as nortadas e cargas de chuva também querem marcar presença e isso desagrada e aflije os que de longe aqui aparecem, encadeados e deslumbrados pelos acenos de paisagens primaveris, das águas encantatórias e límpidas dum rio sereno e de mil e uma diversões para ocupações das horas mortas. Em compensação o que encontramos aqui? Um rio desconfortante ou repelente, um pinhal cheio de esterco, o tal clima por vezes traiçoeiro, poucos ou nenhuns espectáculos, poucas ou nenhuma lojas típicas e nem um raio dum circuito de manutenção o que é, por si, denunciador duma certa abúlia, de falta de iniciativa, de falta de

PARA REAVIVAR O TURISMO

(Continuado da pág. 3)

coesão dos hoteleiros locais e dos Serviços de Turismo.

Perante as surpreendentes intempéries que por vezes massacravam e ainda massacravam os visitantes, dizia-nos o malgrado Rui Gomes: — não há crise. Os londrinos são dez milhões e enquanto eles todos não passarem por aqui, outros (milhões) vão nascendo —? Isso é verdade, mas só parcialmente. Há sempre comentários que se alargam aos círculos de amigos e no capítulo de condições meteorológicas, conforto e agradabilidade das unidades hoteleiras, as queixas nas respectivas recepções são demasiado insistentes para que fiquem esquecidas nas curtas viagens que separam o nosso país da Inglaterra, da Holanda, da França e da Alemanha, principais nações compradoras do nosso turismo.

Torna-se imperioso reapetrechar os bo-

téis de meios de diversão para o preenchimento das chamadas boras mortas dos bós-pedes. Meios que não devem confinar-se apenas aos edifícios dos hotéis mas «lá fora», em zonas tradicionalmente visitadas pelos turistas. A este propósito são grandes as nossas esperanças na piscina ou complexo turístico anunciado pela actual Câmara para a margem terminal direita do rio Cávado.

Mais do que isto, é urgente criar novas unidades hoteleiras. Dizem os livros das escolas hoteleiras de Cornet, Glion e Lausanne que hotéis fazem hotéis, gente chama gente, assim como dinheiro faz dinheiro.

Poderá alguém eventualmente perguntar-nos: e onde estão os empresários interessados no turismo do norte?

Eles têm que ser atraídos ou motivados. Disse-nos pessoa inserida no milieu que havia italianos interessados na compra de um hotel em Ofir. Nós próprio, aquando das últimas eleições autárquicas, sugerimos a ofer-

ta de terrenos na zona da praia a quem estivesse interessado em erigir um novo hotel. Hoje dizemos mais: destinávamos aquela verba proveniente da zona de jogo e que foi oferecida aos hotéis já existentes, a fundo perdido, como adjuvante ou incentivo da criação de novos hotéis.

É claro que surgiria sempre gente a replicar: por que não investiu aquele dinheiro na indústria? Pelo mesmo motivo que o destinavam às unidades hoteleiras, ou seja, para a renovação das mesmas. Dinheiro proveniente de turismo deve destinar-se ao turismo.

O maior número de camas possibilitaria a realização de grandes encontros e de maior intercâmbio entre terras que não se fazem, dizem-nos, por falta de uma cobertura hoteleira capaz. Por sua vez, a difusão de novas unidades, em conjugação com o Município ensinaria o aparecimento de infraestruturas que então, sim, dariam verdade ao que às vezes (falsamente) se anuncia: que Ofir tem alternativas válidas para ocupar os dias de inverno que às vezes molesta a zona.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CANOAGEM

CAMPEONATO NACIONAL DE PROMESSAS

Barca do Lago foi o local escolhido pela Federação Portuguesa de Canoagem para a realização da 3.ª e última prova a contar para esta competição, destinada apenas a atletas na categoria de Infantis e Cadetes. O resultado mais relevante que o Náutico de Fão conquistou foi um 2.º lugar pelo Cadete Miguel Pedras. A dureza da maratona disputada em Espanha, sob um calor tremendo, foi muito desgastante para os nossos jovens canoístas, e, isso, veio a verificar-se no comportamento deles na Barca do Lago. Na 1.ª e 2.ª provas deste campeonato, realizadas em Tértula e Santarém, o Clube Náutico de Fão não esteve presente devido a não ter conseguido transporte conveniente para os seus jovens atletas participarem em condições físicas satisfatórias. Tendo em conta a distância das localidades, em que as provas se realizaram, a sua velha carrinha tem sido pau para toda a obra, mas também já os deixou ficar mal, e, por isso, cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém. Foi pena porque estes campeonatos para os mais jovens têm muita influência na pontuação que a Federação atribui aos clubes.

FUTEBOL

II TORNEIO DE FUTEBOL DE CINCO

Este entusiástico torneio ganhou pela equipa Irmãos Carlos / Rita Fanguero, que também ganhou o troféu do jogador que marcou mais golos, batendo na final a equipa Café Corçário, teve outros vencedores: troféu do melhor guarda-redes — equipa Agro Pecuária de Barcelos. Que nos desculpem os outros participantes, mas não vamos aqui citar vinte equipas. Pois este torneio, sendo o segundo, já que o primeiro foi o ano passado, e, curiosamente, organizado pelos mesmos entusiastas, deu-lhes chatices de sobra. De princípio foi a indisciplina que parecia contagiosa. Dos atletas aos directores das equipas,

era transmissível. Felizmente que não foi de fio a pavio. Honra para os que não alinharam nisso. Também havia um troféu para a equipa mais disciplinada.

Depois foram os protestos de quem não queria pagar a entrada no campo para assistir aos três jogos por noite. Isto já na fase derradeira. Em todo o lado se paga desde o princípio. Pois estas coisas são organizadas, mesmo a nível popular, em benefício sempre de qualquer coisa. A gente sabe que a época passada não foi assim, (mau hábito) mas os organizadores que fazem parte da nova direcção, receberam o clube com um saldo negativo de cerca de 300 mil escudos, enquanto que o ano passado ajudaram com a feliz iniciativa a Direcção que ia iniciar a época com um saldo positivo de duzentos contos e tais. Por conseguinte, temos que aceitar estas coisas conforme as necessidades do momento.

TAÇA A. F. DE BRAGA (1.ª eliminatória)

Marinhas, 1 - Fão, 0

CAMPEONATO REGIONAL DA I DIVISÃO

Fão, 2 x Apúlia, 2; Realense, 0 x Fão, 0;

Fão, 2 x Marinhas, 3; Gondifelos, 1 x Fão, 0, Prado, 3 x Fão, 1.

★

A época não começou nada bem para a nossa equipa. Os resultados conseguidos nos jogos já disputados são pouco animadores.

Como já referimos em outros apontamentos não publicados totalmente neste jornal por falta de espaço, o Clube de Futebol de Fão foi servido, nas últimas épocas por jogadores de Barcelos e Póvoa, e também deram conta do recado. Maior responsabilidade é exigida aos fangueros regressados à equipa e à direcção. Tanto mais por se ter arriscado nesta aposta (da nossa parte já o dissemos que estamos solidários).

Por isso mesmo, pedimos aos jogadores da casa força de vontade, sacrifício e acima de tudo muita responsabilidade. Temos o exemplo, porque não dizê-lo, de muitos jovens de fora. Mas também pedíamos aos sócios e simpatizantes mais confiança nos jogadores fangueros e dar-lhes o apoio necessário nos momentos desejados. Na época passada a primeira fase foi muito má, mas com as ajudas indispensáveis, a equipa fez uma segunda fase da prova consoante o valor que tinha e toda a gente ficou satisfeita.



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos no mês de S. Martinho. Mesmo sem ser em período de férias, um magusto é sempre uma boa diversão, uma pausa — embora breve — nas canseiras diárias. Aproveitem-na!

JANELAS... JANELAS... JANELAS...

Por TERESA

Hoje de manhã ao abrir a persiana da janela do meu quarto, um sol sorridente e quentinho atravessou as vidraças. Abri a janela de par em par e, feliz, decidi debruçar-me no seu parapeito, a olhar e a dedicar um pouco de tempo a mim mesma e à minha janela.

Foi então que me ocorreu que toda a gente devia ter em casa janelas para abrir, mas também pensei se não haveria janelas sem casa?

Só há janelas se houver sítio para elas poderem estar; e quantas janelas bonitas, de madeira, de alumínio, aos quadradinhos, às tirinhas, largas, estreitas, castanhas, verdes, pretas... em tantas casas bonitas!

E quantas janelas, que mais não são do que simples buracos no meio de umas tábuas, de umas chapas de zinco... janelas de sacos de plástico, de papelão... «janelas sem casa»!

E eu na minha janela, debruçada, a ver o mar lá longe, azul e calmo, onda sobre onda desfazendo-se na areia fina da praia, gente que passa descontraidamente gozando os prazeres do sol que me despertara... e deixei-me levar pelo sonho, abstraí-me e imaginei-me uma janela de uma grande casa, virada para um jardim fresco, viçoso, bem cuidado, cheio de flores e lá no fundo um carro, um motorista e os donos a preparem-se para sair. Ele para a fábrica, ela para as compras, para o almoço com as amigas, para aquelas actividades que lhe dão prazer e muitas vezes a compensam do pouco que tem que fazer... e eu ali sozinha sem ninguém com tempo para se debruçar no meu parapeito, a pensar, a repousar e a sonhar, porque não?

E sonhando, deixando-me voar, vi-me janela de um bairro de casas enclaudadas umas às outras, varandas coladas a varandas, com vasos cheios de flores, estendais de roupa e vizinhas a comentar as últimas lá no bairro, as últimas da vizinha da frente... tudo em desassossego, numa lufa-lufa constante, a estender roupa, a espreitar, a cochichar... Mesmo que as notícias não fossem as mais bonitas e correctas, eu não me sentia sozinha e era feliz.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Numa festa, uma senhora muito curiosa e faladora, conversa com um capitão de Marinha. A certa altura, pergunta-lhe:

— O senhor, nas suas viagens, encontrou alguma vez um pirata?

Já cansado de a ouvir, o capitão responde:

— Encontrei, sim, minha senhora.

— Ah! E aonde? Nalguma ilha deserta?

— Não, minha senhora; na Côte d'Azur.

— Como assim? — admira-se a senhora.

— Era o dono de um hotel de Verão — remata o interlocutor.

★

Um indivíduo em dificuldades económicas deixou numa casa de penhores o seu sobretudo, a troco de algum dinheiro.

Passado tempo, o frio chegou. O homem, sem ter ainda possibilidades de ir resgatar o sobretudo, dirigiu-se ao penhorista.

Este, quando o viu entrar, perguntou, todo sorridente:

— Então, vem desempenhar o seu sobretudo, não é assim?

— Não responde o homem. Ainda não tenho dinheiro.

— Então o que deseja? — pergunta o penhorista, já menos amigável.

— Venho só pedir-lhe autorização para me meter dentro dele — responde de pronto o cliente, deixando o prestamista boquiaberto.

NOSTALGIA DE OUTONO

*Não há estrelas.
E assim exibe a noite o seu manto,
sem aquele brilho da vida
Da passagem
Está manchada
De nuvens que deixam
Ver pequenas nesgas de céu.
Não há Lua.
A noite boje não tem alma de Poeta*

*E não há nada que ver na rua.
As mesmas casas, os mesmos candeeiros,
A mesma paisagem monótona
Que envolve a sensação de solidão
e monotonia.*

*Em casa, o mesmo tique-taque,
Igual ao de sempre.
Os dias passam,
Lentos e preguiçosos
Nesta calma instalada.*

*E, os olhos, mortos e cansados,
Vêm a Natureza a morrer
Ante a sua apatia e impotência.
Cbegou o Outono.*

MARTA (15 anos)

AMAR EM VÃO

Amar alguém não é vergonha
Amar e não ser amado
É sentir amor em vão
É sentir no coração
O desespero e dor desse sentimento
Sentimento que não tem volta
Que magoa tão profundamente
Que nos faz perder os sentidos.
Mas...
Amor é também sentimento de alegria
Sentimento de felicidade
Ama e não desesperes
Ama e não te sintas só
Nem triste
Ama porque a melhor recompensa
É sentir em ti a felicidade
De poderes amar
Amor é algo maravilhoso
Se amas sorri, porque
nem todos temos
O maravilhoso dom de
AMAR...

SOFIA SOUSA



Desenho de Marília (11 anos)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — Em 30 do mês de Outubro, e depois de prolongada enfermidade, faleceu o senhor Cândido Lopes de Miranda, de 79 anos de idade, viúvo de Maria Fernandes Marques, natural da freguesia de Fonte-Boa, deste concelho, e residente na Rua do Cruzeiro (Lugar da Areia), desta vila de Apúlia.

O Senhor Cândido Miranda, que esteve muitos anos emigrado no Brasil, era filho de Manuel Lopes de Miranda e de Maria Pires dos Santos.

Pelo sotaque da sua voz e pela maneira jovial de estar na vida, era uma figura típica e estimada em Apúlia. Fabricava «branquetas», aquela indumentária famosa dos nossos sargaceiros, como ninguém, segredo que já herdara da família.

Era, por isso, um dos últimos (se não mesmo o último) «abencerragem» desta difícil arte, em Apúlia.

Paz para a sua alma e pêsames aos seus.

FUTEBOL — O nosso representante continua invicto no campeonato desta época, com três empates e uma vitória, e depois de já ter derrotado equipas de bom nível e com certas aspirações, como são o caso do Marinhos, do Fão e do Ribeirão. No último jogo disputado em Apúlia, com o Ribeirão, que se saldou por uma vitória de 2x1, o Apúlia realizou uma das melhores exhibições que lhe vimos fazer, apesar de ser uma equipa onde impera a juventude.

Já nos iniciados, escalão onde o Apúlia se inscreveu pela primeira vez, as coisas já não têm sido tão fáceis, pois conta por derrotas os jogos disputados. E algumas bem contundentes. Mas isso é naturalíssimo, se nos lembrarmos que o Apúlia não tem historial neste escalão, e que as equipas concorrentes (casos do Braga, Famalicão, etc.), são de outro campeonato...

SECÇÃO COLUMBÓFILA DE APÚLIA EM FESTA — O dia 26 de Outubro, último, foi de festa para a Sociedade Columbófila de Apúlia e para os seus associados.

Depois de um jantar de confraternização, onde estiveram todos os associados, e alguns convidados, foram entregues os seguintes prémios da época 1990/91: Campeão Geral, a Américo de Sousa Pedrosa, que também recebeu o prémio destinado ao campeão de meio fundo; Campeão de Fundo, Inácio Citano Fernandes; Campeão de Velocidade, Emílio Veloso Rodrigues Ferreira, que também foi o Campeão de eliminatórias; e Campeão por Equipas, Américo Sousa Pedrosa.

Parabéns a todos. Aos vencedores e aos que não conseguiram desta vez ganhar nada.

PARTIDAS / CHEGADAS — Ao Canadá, e depois de férias passadas entre nós, já regressaram os apulienses, Manuel Tomé Gonçalves Serra e esposa; Alfredo de Jesus Alves Queiroga e esposa e Armindo Gomes Boucinha e esposa.

Também depois de férias passadas nesta sua terra, já regressaram aos seus afazeres profissionais no Brasil, os nossos conterrâneos, Manuel de Castro Fernandes Barros, Avelino de Castro Fernandes Barros, esposa, sogro e sogra.

Também para o Canadá, para passar um mês de férias e matar saudades, pois neste país estiveram emigrados muitos anos, partiram os apulienses Firmino Fernandes Dias e esposa, D. Ana Graça Ferreira do Vale, proprietários do Café Canadá, que, por esse motivo encerrou as suas portas, talvez por um período mais longo.

Vindos também do Canadá, estão entre nós

UM POUCO DE HISTÓRIA INUSUAL

(Continuado da pág. 7)

Por falarmos em Coimbra recorda-nos um livro «Amor Místico», da autoria do nosso querido Mestre, Sílvio de Lima, onde se afirmava que em certa época da História fez fé a doutrina ou convicção de que uma das «receitas» utilizadas para impedir o aborto era a não lavagem das grávidas sobretudo do baixo ventre. Já imaginaram o cheiro que tresandava dessas criaturas?

É tempo de falarmos por último das chamadas cadeiras de buracos, a que indirectamente se refere a resposta de Marais. Eram de facto cadeiras furadas com buracos bastante alargados através das quais as pessoas ilustres defecavam. Enquanto demoravam nessa função, os monarcas despachavam, atendiam os fidalgos e ainda conversavam. Ser recebido pelos monarcas ou grandes aristocratas sentados na tal cadeira, significava da parte dos vassallos uma atitude de sujeição para com os suzeranos. Vejamos as obrigações do se-

os nossos conterrâneos, Manuel Moreira Lopes Tomé (Neca Nato) e sua esposa, D. Idalina Lopes Dias Hipólito.

Para uns e para outros, bons trabalhos e boas férias.

POSTO DA GUARDA-FISCAL — Em actividade há muitas dezenas de anos, acaba de ser extinto o Posto da Guarda-Fiscal de Apúlia, e o seu activo transferido para outras localidades.

Não vamos escrever que se trata de uma perda irreparável, porque na verdade não o é. A Guarda-Fiscal em Apúlia, esvaziada de competência e de serviços na localidade, muito pouco fazia de interesse para Apúlia ou suas gentes, nos últimos tempos. Mas não por culpa sua. Lamente-se, no entanto, esse facto, mais por sentimentos pessoais, e pelos bons serviços que ela, ao longo dessas décadas, prestou. E também pelo bom relacionamento que sempre existiu entre a população de Apúlia e aquela Corporação. Ao longo de todos estes anos, foram muitas centenas de praças e graduados da Guarda-Fiscal que por cá passaram. E desses, alguns por cá se radicaram com as famílias e por cá ficaram... para sempre.

nbor de Sourches à senhora Baronesa de Montreuil — Belary: «Quando a senhora entrar em Sourches deve o senhor (de Sourches) estar presente, levá-la às cavalitas até ao seu castelo e dar-lhe o musgo (o equivalente ao papel higiênico)» ut ipsa clunes suas in form tergetret (para que na latrina limpe ela própria as suas nádegas).

Esta de chegar ao musgo ao Suzerano ou um papel ou um pano ia-nos ampliar demasiado este texto. Apenas revelamos que alguns criados ou nobres assim procediam e, em certas ocasiões, ou com certos monarcas até limpavam o real trazeiro. Tão rudes sujeições receberam por vezes críticas de alguns monarcas que se recusavam a cumprir essas e outras etiquetas. De país para país os hábitos apresentavam-se diferentes e os mais ilógicos usos e costumes foram cedendo o passo ao bom senso.

Sobretudo depois da Revolução e com o progresso do iluminismo caíram em desuso. Lembramos entretanto que em Paris em 1820 só 20 casas possuíam quarto de banho⁽¹⁾. A evolução das técnicas exerceu igualmente uma melhoria no sistema.

A. S.

(1) O mundo de hontem — Stefan Zweich.

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE «ESTAÇÃO DE SERVIÇO APULIENSE, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00212 — N.º de Inscrição 1 Av. 1 — N.º de Identif. Pessoa Coll. 502 094 729 — N.º e data de apresent.: 11 91/07/11

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora destacada, CERTIFICA, que foi depositada a fotocópia da escritura, donde consta a RENÚNCIA À GERÊNCIA, pelos ex-sócios JOSÉ DOMINGOS VAZ MOREIRA e MARIA ALEXANDRINA DA VINHA MARQUES.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende, aos 29 dias do mês de Julho de 1991.

A Conservadora Destacada
a) Maria do Céu Neiva Portela

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

B R A G A

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

UM POUCO DE HISTÓRIA INUSUAL

Anos atrás, vivia em Fão, vila com a praia mais linda do Norte, um indivíduo que era considerado uma figura típica e isto porque de vez em quando mandava umas «bocas» especiais. Dizia ele, lá na sua: «eu compreendo como funciona o rádio, nada me admira na energia eléctrica, percebo muito bem como trabalham o telefone e o telégrafo. Só não entendo é como a garrafa de pirólitos (lembra-se dela?) mantém lá dentro uma bolinha de vidro maior que o garçalo».



Recepção: um costume com mau cheiro...

Tempos mais tarde, veio com outra: se os astronautas vão dentro de pequenas cápsulas espaciais, como é que eles podem resolver as suas necessidades fisiológicas: aquilo fica lá dentro, vai para o espaço cósmico ou é neutralizado através de agentes químicos?»

Não lhe soubemos responder, mas aquela pergunta ensinou-nos a curiosidade de procurarmos saber como é que em tempos idos os homens satisfaziam aquelas «obrigações». Devia ter-se verificado uma evolução com fases estacionárias e outras evolutivas. Foi o livro História do Pudor de Jean Bologne que nos abriu as janelas da história com incidência particular sobre este tema. Igualmente a Sociedade Medieval Portuguesa de Oliveira Marques nos permitiu espreitar apenas por uma frincha o modo como os antigos procediam perante o apelo de tais impulsos. Talvez que os parcos apontamentos que nos legou em tal matéria se ficaram devendo a um excesso de pudibundaria ou então à ausência de fontes sobre o assunto em questão.

A primeira referência sobre este tema vem-nos de Herodoto, o primeiro dos grandes historiadores de antiguidade.

de. Relata-nos ele que os egípcios recolhiam a suas casas para excercerem essas necessidades, em contraste com os gregos que as satisfaziam no exterior das habitações, na rua, por exemplo. As latrinas gregas, quando as havia nas casas, estavam previstas para várias pessoas que as podiam utilizar ao mesmo tempo. Foram também famosas as latrinas públicas romanas.

Temos que avançar mais para diante e vamos fixar-nos em França, onde a documentação é sortida. Na Idade Média poucas casas dispunham de latrinas. Existia ou funcionava a estrutura do pátio de que se serviam os da casa ou seus hóspedes. No nordeste português, até há bem pouco tempo, foi essa a solução que subsistiu quase até aos nossos dias. Se havia quintal, cada pessoa dispunha dum lugar privativo assinalado por uma árvore. Referindo-nos de novo à época medieval, é de destacar algum pudor ou recato como a designação de «privada», atribuída às casinhas existentes, deixa antever. Essa privacidade conseguia-se com o auxílio de coiros e panos que de certo modo as furtavam ao olhar das pessoas.

Mas elas começaram a desaparecer sobretudo a partir do séc. XVI, uma vez que os novos castelos, com linhas bem desenhadas, com a sua imponência ou majestade, e ainda com a sua simetria não se codunavam com as necessidades humilhantes do corpo humano e respectivos receptáculos.

Foi este purismo estético que impediu que os palácios de Versailles, Louvre e Fontainebleau fossem apetrechados de retretes. Como procediam então os cortesãos? Davam a volta ao texto, como se costuma dizer. Nas recepções festivas que então ocorriam, os criados passavam de bacios na mão tal como os empregado de mesa, hoje, num «copo de água», cirandam de lugar para lugar de tabuleiros a oferecer aperitivos, bebidas, condutos, etc. Se nessas ocasiões os criados fossem insuficientes, urinava-se nas lareiras, atrás das portas, dos cortinados, nas varandas, etc. Ainda hoje, nos pavimentos e escadarias de muitas residências aristocráticas, se podem verificar nódoas muito significativas de como se aliviava naquele tempo.

O fazer na rua era quase uma função institucional, tanto da parte dos homens como das mulheres. Outro costume naqueles tempos era as senhoras levarem os bacios para a igreja, ficando assim prevenidas para o caso de os padres fazerem prédicas com muita duração.

E como é que se podia viver em re-

cintos tão mal cheirosos ou tão imundos?

Tomavam-se certas medidas: Luís XIV, por exemplo, encontrou uma solução: mudava de palácio de vez em quando e assim ficava uns dias em Versailles, depois no Louvre ou Fontainebleau, o tempo suficiente para se lavar a porcaria que rapidamente se acumulava. Em 1570, Henrique III dá ordens para que se varresse todos os dias o castelo onde habitava. Em 1606, Henrique IV proíbe as «descargas intempestivas» em Saint-Germain, mas, no próprio dia em que sai a ordem, foi surpreendido a «regar» a parede do seu quarto.

Esta situação, onde é evidente a falta de higiene e pudor, está espalhada por toda a Europa? O já citado historiador Oliveira Marques não nos deixa antever qualquer coisa parecida no Portugal antigo. Por sua vez, Mário Domingues, na vida de D. João V, releva a falta de higiene, sobretudo o pouco uso do banho, o que era compensado pela insistência complementar de perfumes. Resultava dessa «simbiose»: perfume mais suor, mais fundos mal lavados, etc., aquele cheiro muito característico a que nós em Coimbra chamávamos bióxido de infantaria.

Quer-nos parecer que o nosso país, sendo país de costumes brandos, não se evidenciou nesse perímetro social. De resto, «lá fora», e até no interior de França, não se verificava uma adesão incondicional a hábitos tão incómodos. Já o bobo de Luís XIII, chamado Marais, disse um dia a seu amo: «Há coisas no vosso mester a que não saberia adaptar-me».



A espera que sua Majestade...

- Quais?
- Comer sozinho e defecar (usou outro termo) em companhia.

(Continua na pág. 6)

ÁFRICA, ADEUS (21)

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Foi um desabafo do Zé Maria, mas o problema dele era igual a muitos outros. Mas independentemente do interesse na defesa dos seus baveres, a maioria dos que ali estavam eram empregados e, como tal, não estavam a defender os seus baveres. No entanto ali estavam a arriscar as suas vidas. Então porque o fariam? Não sei. Talvez porque entendessem estar a cumprir o seu dever.

Terminada a pequena refeição, despedimo-nos de todos e partimos rumo a Luanda. Eram cento e vinte quilómetros que nos faltavam percorrer. A estrada era um pouco melhor, o que nos permitia andar mais rápido. A próxima povoação era a sessenta quilómetros, Sassa-Caxito. Não existiam florestas neste percurso. Eram só savanas e, portanto, o perigo não parecia espreitar. Uma hora depois, atravessávamos o Sassa e a seguir a Vila do Caxito, mas sem nos determos, pois todos tínhamos pressa de chegar a Luanda. Agora a estrada era asfaltada e parecia termos chegado a outro planeta. Viam-se preto por todos os lados fazendo a sua vida normal, convivendo com os brancos como sempre o fizeram.

Para nós, que chegávamos daquele inferno, parecia-nos um sonho, mas, para o Orlando que tinha perdido o irmão junto com a esposa e um filhinho, o que lhe iria na alma? Seria possível perdoar?

Pouco depois alcançávamos o Cacucaco a vinte quilómetros de Luanda. Todos os habitantes olhavam para nós, admirados. Os meus pensamentos agora iam para a minha família. Dalí a pouco estaríamos juntos, mas não havia dúvidas que seria necessário voltar a Vista Alegre e elas voltariam a ficar sós. Essa perspectiva não me agradava, mas não podia ser de outra forma. O melhor seria mandar os familiares para Portugal, mas queríamos eles partir? Estes pensamentos martelavam o meu cérebro até que as primeiras casas de Luanda surgiram no horizonte.

À entrada da cidade parámos, pois a partir dali, cada um tomaria o caminho para suas casas. Despedimo-nos e combinámos

encontrarmo-nos mais tarde. O Machado abandonou o carro do Neves e passou para o jeep que era conduzido por mim. Seguimos para casa do Fausto onde se encontrava a minha família. A passagem pelas ruas da cidade de um jeep com três brancos armados, todos sujos e barbas por fazer, não deixava de provocar curiosidade, tendo algumas pessoas mandaram parar o jeep para saberem notícias. Só que nós estávamos demasiado ansiosos por chegar e, como tal, não podíamos estar a perder tempo a dar satisfações, fosse a quem fosse. Por isso, só parámos à porta do Fausto. Minha esposa e filhos correram para mim abraçando-me. O Fausto, a família e os vizinhos, todos queriam saber novidades.

Poucos minutos depois de termos chegado, já estávamos rodeados por dezenas de pessoas que ficaram alarmadas com as notícias que chegavam de Nova-Catpamba, Songo, 31 de Janeiro, Carmona, etc. De todo o lado as informações eram terríveis. Na região do Uíge todas as fazendas tinham sido atacadas e incendiadas e mortos muitos brancos. Por todo o lado, só se falava em atrocidades cometidas contra agricultores e suas famílias, não poupando as crianças. Mediante estas novas, a população estava em pânico.

«Bem — adiantou o Fausto — há muito tempo para conversar mas agora vão tomar um banhinho e descansar».

Abraçado à minha esposa, dirigi-me para dentro de casa, enquanto cá fora as pessoas faziam os seus comentários.

Durante o resto do dia outros portugueses, com interesses na região de Vista Alegre, vieram saber notícias. A maioria queria saber dos seus familiares. Os baveres, esses passaram para segundo plano.

Eu e os meus companheiros pouco tínhamos para lhes dizer a não ser a triste realidade de que aqueles que conseguiram fugir salvaram-se! Dos outros, infelizmente havia poucas esperanças de que estivessem vivos, pois os facínoras nem as crianças poupavam.

Todos nos escutavam com profundo pesar, mas lá no fundo, ainda restava um

pouco de esperança. Essa era a última coisa a abandonar-nos.

Já perto da noite, quando já não se esperava ninguém, eis que nos foi anunciado pelo criado que uma senhora queria falar comigo. Dirigi-me então para a porta onde reconbeci a D. Odete, esposa do Saúl Barbosa. Encaminhei-a para a sala de visitas e convidei a senhora a sentar-se.

«Sr. Ramos», adiantou a senhora, «sei que chegou há pouco de Vista Alegre e é natural que queira descansar mas, como deve compreender, eu não pude resistir à ideia de cá vir a ver se o senhor por acaso foi à nossa fazenda ou se sabe alguma coisa do meu marido».

(Continua no próximo número)



INTERCÂMBIO ENTRE ESCOLAS COMUNITÁRIAS — UMA FANGUEIRA SEM PAPAS NA LÍNGUA —

No âmbito do programa «Europália 91» promovido pelo Comissariado da Europália, estiveram na Bélgica alguns estudantes da Escola Secundária do Canidelo de Gaia durante oito dias.

Entre os alunos seleccionados por aquele estabelecimento de ensino esteve a nossa conterrânea Mónica Oliveira que já em tempos entrevistámos, na qualidade de ca-noísta, para o nosso jornal.

São dela as seguintes palavras recolhidas pelo «Jornal de Notícias»: «Foi uma semana maravilhosa de companheirismo. Conhecemos várias cidades, do Norte e Centro da Bélgica, visitámos duas Exposições da Europália, uma sobre o «Barroco» e outra sobre «Portugal e a Flandres». Estávamos com um bocado de medo de não sermos bem aceites, pois em geral somos mais novos. Mas ao fim de um dia, tudo isso desapareceu. Toram maravilhosos connosco. Espero que esta experiência se volte a repetir».

Tão bem falante, esperamos que Mónica escreva tão bem como fala e quem breve passe a ilustrar com a sua prosa a nossa «Página Jovem». Aliás, foi um seu trabalho literário que permitiu a sua escolha para a antiga região de Flandres.

TRIÂNGULO JOTA
UMA COLEÇÃO NOVA PARA GENTE NOVA

OLHAR DO DRAGÃO
SETE DIAS E SETE NOTES
CORRE, MICHAEL! CORRE!

EDIÇÕES ASA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

17 — CUIDADOS CULTURAIS:

As plantas, desde que tenha sido usado o plástico, só nascem 5 a 6 dias após a sementeira, ficando debaixo deste até que tenham um desenvolvimento suficiente, ou seja, até aos 25 a 20 dias. A seguir, corta-se o plástico em volta das plantas com um canivete fazendo uma circunferencia com 12 a 15 centímetros de diâmetro. Nessa altura, convém fazer uma ligeira amontoa, para que a perda de humidade seja a menor possível e o plástico fique preso para não danificar as plantas, com os ventos.

Quando se não usa a cobertura com o plástico, convém fazer a 1.ª sacha, quando as plantas têm 15 a 25 centímetros de altura. A 2.ª sacha deverá ser feita logo que necessário, aproveitando para amontoar o terreno junto ao colo das plantas, estimulando a formação dum maior número de raízes, manter a frescura junto ao pé, reduzindo as regras. Se necessário, dever-se-á fazer uma 3.ª sacha.

As sachas poderão ser feitas à mão, ou mecanicamente, sempre que seja possível usar as máquinas.

18 — MONDA QUÍMICA

A utilização de herbicidas nesta cultura, está a ser introduzida com certa percação. No entanto, há já alguns que

têm dado resultados satisfatórios em aplicação na pré-emergência. Os que têm dado melhores resultados, são os produtos com as matérias activas «Bensulida e Naptalman», sendo os seus nomes comerciais «Prefar e Alanape».

19 — CAPAÇÃO OU PODA

A poda chama-se vulgarmente «capação». Pode ser curta ou longa.

Na primeira apressa-se a maturação e a frutificação, estimulando a formação de frutos grandes.

Na segunda a finalidade é obter frutos médios e permitir uma condução equilibrada das plantas sobretudo nas variedades pujantes. Em qualquer dos casos, começa-se pela supressão do caule acima das duas primeiras folbas, quando as plantas já têm 4 folbas. Deste modo, dá-se origem ao aparecimento de dois braços, que saem da axila das folbas. Estes braços são mais tarde podados, acima da 3.ª ou 4.ª folba, no caso da poda curta, e na 7.ª ou 8.ª folba, no caso de poda longa. Deixam-se dois ou três frutos por pé, quando se pretendem grandes e quatro ou cinco, quando se querem frutos de tipo médio.

Há países, que na cultura extensiva não fazem podas, limitam-se a fazer a supressão dos frutos em excesso, que existem nas plantas.

20 — CUIDADOS DURANTE A MATURAÇÃO

Para se obterem frutos com bom va-

lor comercial, há que ter alguns cuidados neste período.

Assim:

a) Protegem-se da humidade do solo, com palha ou feno seco.

b) Cobrem-se com palha se as folbas são insuficientes para evitar a acção escaicante do sol, nos dias de muito calor.

c) Viram-se a pouco e pouco, de maneira que a luz do sol os amadureça uniformemente.

d) Não os colher demasiado verdes.

21 — ADUBAÇÕES FOLIARES

Estas têm grande interesse na cultura do melão, dado que além dos macro-elementos (azoto, fósforo e potássio), fornecem também os micro-elementos como magnésio, cálcio, boro, zinco, enxofre, molibedénio, ferro, cobre, etc.

Em condições normais, dever-se-á proceder do seguinte modo:

a) Usar o Complezal 12-4-6, na fase inicial da vetação, isto é, até à floração, na dose de 250/300 c. cúbicos em 100 litros de água em pulverização. Serão necessárias 3 pulverizações intervaladas de 15 a 21 dias.

b) Usar o Complezal 5-8-10, da floração até à colheita com 3 aplicações intervaladas de 15 a 21 dias nas doses de 250/300 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

Nota: Se na 1.ª fase (antes da floração) as plantas estiverem vigorosas, convém substituir o Complezal 12-4-6 pelo 5-8-10.

(Continua na pág. 10)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 8 000 000 000\$00cents Reg. Com. Entre n.º 1438

(Continuado da pág. 9)

22 — CORRECÇÃO DE CARÊNCIAS

Desde que se utilizem as adubações foliares, com micro-elementos, a não ser em casos especiais, não será provável haver carências. No entanto, como o melão é muito exigente em milibedénio, sempre que apareçam os sintomas de carência, isto é, quando as plantas amarelecem e os bordos das folhas se põem da cor do tabaco, convém fazer tratamentos específico, empregando o molidato de amónio na dose de 3 a 5 gramas por 100 litros de água em pulverização. Há conveniência em repetir o tratamento, 15 a 21 dias após o primeiro, sobretudo se o tempo se mantiver frio.

23 — PRAGAS E SEU COMBATE

O melão, como quase todas as culturas, são atacadas por insectos e ácoros. Vamos descrever os mais frequentes nesta cultura:

Assim:

a) *Piolhos, pulgões ou afídeos.*

b) *Joaninhas.*

Aranhão vermelho.

a) *Afídeos ou piolhos*

Estes atacam os botões, raminhos e as folhas, sugando-os a ponto de acabarem por secar. Os maiores prejuízos verificam-se nas plantas mais jovens. Estes, são os responsáveis pelas principais viroses. O piolho que mais frequentemente ataca esta cultura é o *Aphis gossypii* Glover que tem a cor verde e que se

NOVO

A MATÉRIA ORGÂNICA
É A BASE
DA
FERTILIDADE

ESTREGUANO

É UM PRODUTO
EXCLUSIVO
DA

ESTRELA ADUBO

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda
Estr. N.º 2 - Mosc. Lousã
Telas 43400 Adubo P. - Tel. (033) 91292 - 91287
Apart. 104P - 3500 VISEU

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

mantém nos caules e nas folhas, sugando e segregando um líquido pegajoso, que as envolve. São difíceis de combater por serem polífago vivendo num sem número de plantas, que circundam os meloais. o seu combate eficaz é feito com *Decis* à razão de 50 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização. Quando as folhas das plantas estão enroladas tem necessidade de recorrer a um insecticida sistêmico — o «Digor», na dose de 100 c. cúbicos em 100 litros de água em pulverização.

b) *Joaninhas*

É outra praga que ataca esta cultura. Os prejuízos manifestam-se nas folhas que são atacadas pelas larvas e adultos, retardando o crescimento das plantas e o desenvolvimento dos frutos. Podem combater-se usando o *Decis* na dose de 50 c. cúbicos em 100 l. de água em pulverização. Esta convém ser bem feita, de modo, que se molhem todas as partes das plantas. Pode usar-se também o *Thiodan* em pó molhável, ou em líquido na dose de 400/500 g ou 400 a 500 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

c) *Aranhão Vermelho*

Os sintomas desta praga, manifestam-se pelo amarelecimento e seca das folhas, podendo em poucos dias destruir uma cultura. Deve ser controlada, desde o início da sementeira. O seu controle pode ser feito com o *Acaricida* Hoechst na dose de 250 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

(Continua no próximo número)

ÓSCAR FANGUEIRO

Deste amigo e grande amigo de Fão e do nosso jornal, mas que não conhecemos pessoalmente, recebemos, sob certas condições e que nós aceitamos de imediato, o original do contrato da construção de um barco, nos estaleiros de Fão, em que aparece como construtor o nome de João Gomes Saraiva. Ao contrário do que pensa o ilustre investigador, o nome de João Gomes Saraiva é referenciado no livro sobre construção naval da autoria do dr. Bernardino Amândio. Veja os construtores navais da lista de Esposende, pág. 35. Trata-se, sem dúvida de um nosso familiar, pois nossa saudosa mãe chamava-se Aurora Gomes Saraiva, duas tias maternas eram Cândida e Maria Gomes Saraiva e 4 tios tiveram por nome exactamente João (que não era o mesmo), Artur, Adelino e Emídio Gomes Saraiva. O referido construtor devia ser avô ou tio-avô desta geração. Nosso avô materno era dono de um estaleiro na cidade do Rio. Uma vez que veio a Portugal, passou uma procuração a um ser mano com todos os poderes e, quando voltou ao Brasil, o irmão tinha-lhe vendido a empresa. A família voltou ao zero.

JOAQUIM MARIZ

No próximo mês de Dezembro passa-se o centésimo aniversário deste prestigioso fangueiro. Já existe uma comissão para celebrar esta data.

AINDA O DESPORTO

Informa-se os prezados leitores que as notícias para o desporto ficaram retidas na redacção. Daí o certo desajustamento em relação à nota actual.

ROUBO NO CEMITÉRIO

O editorial deste número celebra o carinho e a dignidade com que o povo de Fão viveu o dia dos seus mortos. Ironia do destino!... Na noite de 4 para 5 deste mês enrgúmenos sacrílegos violaram o respeito que se deve aos defuntos e assaltaram o nosso cemitério.

De três jazigos foram levados castiçais, jarras e toalhas bordadas com ce-ro valor.

De outras sepulturas, chamadas de campa rasa, foram ainda roubados diversos objectos decorativos, nomeadamente vasos antigos, bem como floreiras de vidro e de porcelana.

Esta violação chocou profundamente a consciência dos fangueiros que tem pelo seu cemitério um carinho e uma estima especiais.

Trata-se de um dos mais artísticos cemitérios do norte que traduz o apogeu económico de Fão dos finais do século XIX.

IV CONCURSO DE FOTOGRAFIA «IMAGENS DE FÉRIAS»

Informa-se que decorre de 15 a 30 de Novembro o prazo para entrega dos trabalhos do IV Concurso de Fotografia do Inatel, intitulado «Imagens de Férias», aberto a todos os trabalhadores e respectivo agregado familiar.

CAFÉ DO CALDEIRÃO

O conhecido café do Caldeirão, na sua curta existência, tem sofrido vicissitudes várias. Tanto abre como fecha. E já lá vão meia dúzia de anos.

Agora voltou a abrir com nova gerência cujo responsável é o nosso conterrâneo Bernardino Valle. Trata-se de um estabelecimento com futuro, pois ali à beira vai erguer-se um bairro de casas.

Esperemos que desta vez o Bernardino tenha o estabelecimento que merece.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Ceclia de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

UMA NEGRA PERSPECTIVA DE DESERTIFICAÇÃO DA NOSSA TERRA

Quem demanda a rua das Pedrinhas que vai dar à que foi uma cavalaria do nosso malogrado Eng. Gomes da Costa vê, logo no início, colada a um poste, uma seta criada para o lado de Viana e que diz: Nuno - Areal - 1 Kil.

Nós seguimos a indicação e fomos de facto dar a uma zona do pinhal de Fão, pois fica muito a norte da citada cavalaria.

Vimos então que uma larga superfície de vários hectares foi desbastada de pinheiros e o seu solo esventrado por causa de tiregem da areia. Ligamos para a Câmara de Esposende e, por intermédio da secretária do senhor Presidente e depois por um senhor Engenheiro, soubemos que efectivamente foram concedidas 3 licenças para a extracção condicional da areia, mas, findo o prazo da concessão, as licenças, não seriam renovadas. e que havia várias condições garantidas com depósito bancário. E que reconheciam abusos.



Uma larga área devastada de pinheiros.

Não sabemos quando quando vai acabar o prazo e quantas árvores vão ser ainda abatidos. A paisagem que presenciámos é dolorosa, chocante. Aquilo que Fão tem de melhor está a ser destruído. Numa altura em que se fala da preservação do meio ambiente, num momento em que se alude à progressiva desertificação do solo português, nos crescentes buracos de ozono, na irremediável contaminação da atmosfera, na poluição que nos irá envenenar a todos, na morte dos rios dos mares e até do universo, as autoridades de Fão, de Apúlia e de Esposende consentem um crime destes!...

Fão que se perspectivava, num futuro próximo, como um oásis na selva infrene do turismo nacional, está a destruir-se.

Custa-nos a aceitar que um Alberto Figueiredo, um homem que se arvorou à Presidência da Câmara com votos da maioria e a esperança de todos, exactamente porque todos sabiam que ele era pessoa isenta, e portanto insubserviente e, portanto sempre capaz de dizer *não* quando necessário, fosse a quem fosse, um homem que prescindiu dos seus honorários de magistrado autárquico e conseqüentemente incapaz de ceder a

todas as mirfíficas promessas, desse o aval a um pinheiricídio destes. Não é a areia que está em causa. São as árvores que constituem uma fonte, uma certeza e uma esperança de vida.

Mas o nosso espanto e assombro fincam-se mais ainda noutra pessoa: Joaquim Novais. Homem de formação universitária ou para-universitária, uma referência moral de Fão, de minudências já ultrapassadas mas implacável no cumprimento do dever, um homem que o PSD arregimentou para a sua lista exactamente porque ele personificava a rectidão, o homem bom de outras eras e, como tal, chamariz de votos como teria claudicado numa dízima assim?

Uma última para para o Director da AP-PLE, eng. José Luís Gonçalves: Que raio faz V. Ex.º?

PS — A *TECIALGO*, A *Lareira* e o *Chimarrão* ajudaram a amenizar o custo da entrevista com Aníbal Soares. Agradecemos.

ÀS SUAS ORDENS MEU GENERAL!...

Há uns tempos atrás lamentávamos a pouca capacidade que os esposendenses (todos os habitantes do concelho) revelavam em se tornarem *colunáveis*, isto é, em aparecerem nas páginas dos jornais de maior nomeada. Mas havia excepções e nós citámo-las. Uma delas era o Eng. Oliveira Martins, que foi ministro das Obras Públicas e a quem, na nossa óptica, o PSD deve um grande quinhão da confortável vitória obtida em 6 de Outubro. Diremos porquê: nos últimos tempos foi um inaugurar de estradas e pontes que sensibilizou e muito o cidadão português que por esse motivo foi levar o seu «muito obrigado» às urnas. Ora o estratega, o «Duarte Pacheco da segunda vaga» que esteve no centro desse «show» ou dessa «girândola» oferecida ao eleitorado, foi sem dúvida o nosso amigo Oliveira Martins que, por excesso de um ultrapassado romantismo, se demitiu e perdeu assim ingloriamente o prestigioso lugar no comboio da História. Admirando-o pela sua inegável inteligência e capacidade de acção, não entendemos como um homem desta envergadura acedeu a ouvir o som das diátoles do seu coração magoado.

Outro esposendense que está a «abusar» das colunas é também o nosso amigo Eng. José Areias. Muito bem, Zé.

Aquela história do Telecom de Braga de mudar os números dos telefones da parte sul do concelho, sem avisar «água vai!», é que não nos caiu lá muito bem. Fez mais: enviou depois só a meia dúzia de privilegiados uma lista com os números em ordem e, quando as gentes de Fonteboa reagiram, limitaram-se a dizer: «mandamos a todos». Não mandaram. Se é a própria Chefe dos CTT de Fão a dizer que não foi sequer avisada... Vê lá isso, caro Director Geral, e desculpa a nossa falta de comparência ao encontro combinado...

Outro esposendense de quem queremos falar e que esteve na origem deste apontamento, é o General António Ferreira Rodrigues Areias. A sua ascensão a este posto é já um acto que merece citação especial independentemente de poder potencializar-se em numerosas acções meritórias e realçáveis. O General Areias, com o dólmen coberto de mil medalhas, é um homem que não faz barulho ao andar: caminha em bicos de pé. Não é colunável nos «Olás» deste país mas aparece com uma certa frequência e discrição nos Diários da República. E assim vai em general.

Os de Esposende que não se riam. Nós, Fão, também já tivemos um. Estamos empates. Gerais: Fão, 1 - Esposende, 1.

AINDA A ENTREVISTA COM ANÍBAL SOARES

O último número do «O Novo Fanguero» trazia um longo diálogo com o proprietário do Hotel do Pinhal.

Por lapso não veio mencionado o nome do autor da entrevista que foi o nosso prezado colaborador Quim de Fão.

Desta falta pedimos desculpa quer ao entrevistado quer ao entrevistador.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO